



*A Trombeta escutai dos Lusitanos,
Que primeira sou contra os Tyrannos!*

TROMBETA LUZITANA.

Votos Públicos.

O Público não deixará de me fazer justiça sobre a rectidão de minhas intenções, e invariedade de meus principios. Parece-me que de sobejo tenho mostrado até hoje que nem sou lisongeiro, nem pusilanime para deixar de transmitir meus sentimentos; escrevo da mesma sorte que penso; nem todas as forças humanas seriam bastantes para me obrigarem ao contrario; apenas conseguirião reduzir-me ao silencio. A verdade he o meu idolo; nunca hesitarei em publicala, porque nunca hesitei em seguir a estrada da honra, atravez de todos os obstaculos: o bem da minha Patria, o decóro e dignidade do meu Rei, podem mais em meu coração que todos os laços sociaes, e por tanto mais que todas as contemplanções.

Eu vejo que se vai principiando a arreigar hum desgosto geral em todos os bens amigos do Rei, e da prosperidade pública; e isto tem penalizado sensivelmente o meu coração, porque ninguem mais do que eu deseja a união de sentimentos que deve reinar agora em todos os verdadeiros e leaes Portuguezes. A admissão de alguns homens para empregos de alta importancia, que a opinião pública designa, e designou sempre como substituidos desta firmeza, e lealdade de character que cons-

tituem a primeira qualidade de que devem ser dotados os primeiros funcionarios públicos, e que mais do que nunca he hoje necessaria: a continuação de homens aborrecidos nos mesmos lugares em que a facção os havia colocado, e onde tão abominaveis se fizeram por seus arbitrios, e injustissimos procedimentos: a impunidade de outros, cujos attentados estão clamando pela vingança das leis, tudo faz huma tão forte impressão de desgosto, que he mais facil de sentir, que de de- crever.

Nesta afflicção todos voltão seus olhos para El-Rei, parecendo dizer-lhe com este respeito, e confiança que distinguem seus mais fieis vassallos:

“ Senhor. Entre a Causa de V. Magestade, e a nossa não existe a menor linha de demarcação: todos desejamos o mesmo, e todos a queremos sustentar á custa de todos os sacrificios, e de todos os perigos; V. Magestade o sabe, Senhor, vendo a electrica rapidez com que de hum canto do Reino a outro se sacudio o vergonhoso, e insupportavel jugo da nossa oppressão e deshonra! V. Magestade vio, Senhor, como por toda a parte, e ao mesmo tempo souu hum brado geral de unanime aclamação, e como surgio de novo este amor, e fidelidade que os povos teem a V. Magestade. He por tanto

” para desejar que V. Magestade se con-
” vença de que nossos votos não teem
” por objecto senão a segurança do Thro-
” no, e o restabelecimento da paz inter-
” na. Estes dois objectos nos são assáz
” caros para poder-mos esquece-los por
” hum momento, deixando de expôr a V.
” Magestade nossos leaes sentimentos
” com esta ingénua franqueza, que tão
” util Lhe pôde ser.

„ Senhor. Nós desejamos vêr em vol-
” ta do Throno de V. Magestade homens
” de conhecida adhesão á Realeza, e de
” desinteressado amor á felicidade Pública,
” pois he indubitavel, que por mais justo
” e sabio que seja hum Monarcha, qual
” he V. Magestade, muitas vezes depende
” daquelles que o rodeão o feliz acerto
” de suas deliberações. Hum Rei, Sen-
” hor, nem tudo pôde vêr, nem tudo
” ouvir, e por isso necessita mais que
” ninguem de verdadeiros amigos a seu
” lado. A amizade, filha de hum coração
” bem formado, he o melhor thezouro que
” se pôde possuir no mundo, e mui es-
” sencialmente quando ella deriva dos
” mais doces laços.

„ Senhor. Digne-se V. Magestade
” de escutar nossos votos; e pezando-os
” em Sua Alta Sabedoria, convencer-se,
” da pureza com que são exprimidos, e
” do ardente desejo de os vêrmos verifi-
” cados. „

Taes são actualmente os votos de to-
dos os fies Portuguezes, que certamente
não serão estereis aos olhos de seu Virtuoso
Monarcha. Se em todós os tempos he
necessario fallar verdade aos Reis, nestes
em que nos achamos he de absoluta ur-
gencia, he hum dever, he huma virtude.
Sejamos pois constantes nestes princípios,
e mereceremos em todo o tempo os ap-
lausos de todos os homens honrados.

A Festa, e o Lucto.

Logo que a noticia dos acontecimen-
tos de Lisboa chegou ás Provincias, a ale-
gria, e entusiasmo mais exaltados, se
manifestarão por todas as classes, e tal
ha sido a sua duração que ainda hoje con-
tinuão. Os Templos, ressoão com hymnos
sagrados ao Todo-Poderoso; em acção de
graças. As noites são passadas em bailes,

e oiteiros, até á madrugada; enfim os
ares ressoão por toda a parte com acla-
mações ao Soberano, a Sua Augusta Es-
poza, e a Seu Joven e Heroico Filho!

” Quando isto por cá he assim, me
dizem das Provincias, que será nessa Ca-
pital onde habitão nossos Libertadores, o
melhor dos Soberanos, e Seu Immortal Fi-
lho!!! Com effeito assim era de esperar;
porém desgraçadamente a Capital acha-
se ainda inundada pela multidão faccio-
sa da *canalha pedreira*, que nella tem o
seu ninho, e que em quanto lho não des-
fizerem, e degolarem os passaros, não pô-
de respirar livre. Com tudo, eu acho bas-
tante estranheza em não ter havido hum
Te Deum geral em todas as Igrejas, mes-
mo per se verem livres desses *sacrilegos*
salteadores, que lhes roubarão suas pra-
tas, vasos e ornamentos, e até suas pro-
prias Imagens. Que mais plausivel moti-
vo que este para retumbarem nas sagra-
das abobedas os Hymnos santos, e fumar
o incenso nos Altares?! Acaso recearão
os Srs Parocos de tornarem ao captivei-
ro, e ás garras esfaimadas dos *salteado-
res*? Creio que não, porque não haverá
homem tão mentecapto que se possa per-
suadir disso. Então que indolencia he es-
ta? Ora pois Srs Parocos, ainda he tem-
po; exercção estas funcções de seu Minis-
terio, e não se esqueçam tambem de ro-
gar a Deos, que conduza ao caminho do
arrependimento, e da virtude esta nuvem
de *pedreira negra*, que esvoaça por en-
tre nós.

Com tudo, se nas suas respectivas
Igrejas virem sujeitos vestidos de preto,
inclusive o lenço do pescoço, annelsinho
branco no dedo, e luvas da mesma cor,
mandem logo o *Enchota-Cães* que os sa-
cuda para fóra, porque são dos *taes*, que
desde o glorioso dia 5 se vestirão de luto,
por decreto lavrado no *Grande Oriente ca-
nalhal*. Se elles agora se cobrem de lu-
cto, que ainda não trabalham as *maqui-
nas*, que fará em ellas começando a ter
uso!... ahí ficão os *cyprestes* nús. Ora
que julgarão estes charlatães que fazem
com isso?! que nos amedrentão mostran-
do-se aferrados a seus ímpios princípios?
como se enganão! he quando se fazem
mais despreziveis e ridiculos. Talvez não
tarde muitos dias que os vejamos apedre-
jados por essas ruas, pelas *hostes fundi-
bularias do Rocío*, que já os trazem de
olho.

O Meu Parecer.

Mostrei em meu ultimo N.º a illegalidade com que forão convocadas as *córtes*, e por tanto a nullidade de todos os seus actos. Ellas forão dissolvidas de Direito, porque foi o Rei, e os povos ao mesmo tempo, e como de commum accordo, que as dissolvêrão. Apesar desta reconhecida legalidade. Julgo que S. Magestade deveria por hum seu Real Decreto declarar nullos e de nenhum effeito todos os actos dellas; e que aquelles, cuja existencia se julgasse por agora necessaria, se promulgassem por Decreto Real, considerados como de nova instituição.

Estou intimamente persuadido de que este procedimento he de absoluta necessidade, por isso que a conservação das leis, e instituições que ellas estabelecerão nos põe de alguma sorte em contradicção com nossos presentes, legaes principios, o que de maneira nenhuma se deve admitir; porque seria, ainda que de hum modo tacito, attribuir hum certo valor a esses actos que dimanavão de huma auctoridade nulla.

Eu desejaria tambem, que por outro Decreto Real se absolvesse, e desligasse a Nação de todos esses juramentos nullos, que a força, e só a força lhe arrancou, restituindo-a a seu primeiro, e imprescritivel juramento, de = Fidelidade ao Rei = o qual se acha ainda em vigor por isso mesmo que delle nao foi desligada. O juramento deve ser hum objecto mui sagrado para o homem, por isso, que delle depende não só a fiel observancia de suas promessas, mas tambem a conservação de huma boa moral: objectos tão essenciaes nas sociedades, quanto delles depende o nobre character, e civilisação dos povos.

Disse em o N.º 47, que as cadeias do Porto se achavão atulhadas de infelizes victimas, que a prepotencia e tyrannia dos dous intrusos governadores daquella Cidade, havião feito arrastar a ellas de todas as partes das Provincias do Norte.

Devo mencionar hum caso tão atroz, que apenas he crível. A Familia do Excellentissimo *Gaspar Teixeira de Magalhães* havia sido mandada debaixo de prisão de Guimarães para Aveiro, onde se

conservava incommunicavel, e rodeada de espiões. Porém os tyrannos do Porto não contentes com isto, passarão ordem para que aquella illustre e infeliz familia fosse mettida na enxovia da cadeia da mesma Cidade de Aveiro. Esta barbara ordem chegou felizmente no dia em que os habitantes daquella Cidade quebrarão os ferros da escravidão, e acclamárão o legitimo Governo de El-Rei Nosso Senhor, não chegando por tanto a ter effeito a ordem.

Hum Religioso Dominicco da Cidade de Braga, que ha muitos annos se achava paralytico, foi arrancado de seu leito, e conduzido prezo para o Porto onde o metterão na mais infame cadeia da Relação, sem se saber o motivo! Eis-aqui a carta que elle escreve para esta Capital a hum amigo seu, depois que naquella Cidade se restabeleceu o Legitimo Governo.

Prezadissimo Amigo.

Porto 18—23

6

Chegou finalmente o suspirado tempo, em que os amigos do Rei, que até aqui generão aferrilhados em masmorras, podem respirar!!! Bendito seja o Deus de nossos Pais, que tambem he nosso, pois quando lhe apraz, e em hum pequenino sopro confunde as linguas, e faz estacionar os operarios de Babel! Comò podia eu capacitar-me, que estando mettido entre os ferros da Relação do Porto, apas de 120 honrados Cidadãos, tirados de diferentes partes do Reino, para sermos victimas do lusbelino furor d'impios *mações*, que em seus consiliabulos tinhão decretado poucos dias antes = cordoaria, ou barra =, e sem que apparecessem os á tanto tempo suspirados Libertadores, fosse posto em liberdade, e sahisse do calhabouço em triumpho!!! Nunca: porém verificou-se no dia 5 deste, depois de se ter installado o legitimo Governo de El-Rei Nosso Senhor em o dia antecedente do maior prazer, e da mais completa alegria, pela fórma, que vou dizer-te.

Postou-se a Tropa de 1.ª, e 2.ª Linha, e igualmente a Cavallaria, em duas alas desde a Relação até o Paço do Concelho; e entrando o Juiz do Crime, com varios Officiaes do Estado-Maior, nos intimou, que o Governo Interino nos havia

restituído á liberdade, e que reunidos os seus Membros, nos esperavão para nos felicitarem, e em união darmos vivas á Religião, ao melhor dos Reis, á nossa constante, e perseguida Rainha, e a toda a sua Real Familia: vivas, e mais vivas, retumbarão logo nas lóbregas abobedas; e principiando a sahir a procissão por entre as baionetas, e immenso concurso de povo, que dava vivas não só aos ditos, mas tambem aos Leaes, que padecêrão por amor delles, nos fomos conduzindo ao Paço, vendo-se as janellas apinhadas de gente, em cujas mãos tremolavão os lenços, e os áres interrompidos dos amiudados foguetes, toques de sinos, &c. Chegamos finalmente, e apenas principiamos a entrar, a Muzica militar, que á porta da Paço se achava, principiou a tocar, e subindo nós ao grande salão, aonde nos esperavão, ahi fomos applaudidos, em geral, e em particular, e se dêrão mil vivas; sendo que o Sr. Coixo, por hir no seu palanquim, e por isso desafiar mais a attenção, foi o melhor quinhoeiro. Ora aqui tens, detalhado o triunfo da guerrilha dos chamados = Facciosos = composta do Clero Secular, e Regular de diferentes Congregações, Fidalgos, Ministros, e Homens bons do Povo, todos amigos do seu Rei, e promptos a dar por elle a ultima gota de sangue; porém juro-te, que não me tendo soçobrado nunca a perseguição, fez em mim tal choque o triunfo, que me fez verter lagrimas, e me dessepou.

Aqui tem havido com hoje, cinco dias de estrondosas luminarias, e muito fogo.

Portuguezes! Desenganai-vos, todo o Governo proclamado por huma *facção*, como foi este, que tão desgraçadamente nos dominou, he o peor de todos os males; elle não tem outros fins senão a destruição da Realeza, e da Religião, a ty-

rannia, e a rapina: vós bem o vistes. Detestai pois todo o governo que não seja o do vssso Rei, ou dado por Elle. Notai que em toda a serie de Reis que tem governado Portugal, não tem havido hum só a quem se possa dar o epiteio de tyranno: Elles governarão todos, segundo as Leis estabetecidas, Leis sabias, e justas, que ainda hoje merecem a admiração, e louver de todas as Nações cultas. Vede que foi com a maior falsidade, e atroz injuria que essa *facção* desorganizadora, e tyrannica, intentou persuadir-vos de que o Governo Real a que obedeciamos, era absoluto, e despotico. Para destruir huma tal calumnia, só vos basta pôr em parallelo o Governo de nossos Reis, com o desses ambiciosos tyrannos, que fizerão a nossa desgraça. Debaixo daquelle florecêrão as Artes, as Sciencias, a Agricultura, o Commercio, e a Navegação; fôrão creados os mais soberbos Monumentos, e Instituições, que ainda hoje fazem a nossa admiração: finalmente, foi então que a gloria do nosso Nome retumbou ufana pelas quatro Partes do Mundo. Porém neste, que acabámos de destruir, que differença!! A mizeria, a deshonna, a vergonha, e a mais odiosa tyrannia, fôrão as unicas vantagens que delle recebemos. O nosso Nome coberto de oprobrio, hia quasi a pagar-se da honrosa lista dos Povos cultos. O glorioso dia é nos reivindicou tantas perdas, e nos reconciliou com as Nações da Europa, que já começavão a abominar nossa degradação. Dai pois graças ao Ente Supremo, que tão providente nos salvou. Abençoai o Rei, e sede sempre fieis á sua Legitima, e Paternal Authoridade.

A V I S O.

Sahio á Luz o *Enterro da Constituição*, reimpresso em Lisboa. Vende-se em todas as lojas do costume: preço 80 réis.